



Estudo sobre a morte em Lucas 16:19-31

A study about death in Luke 16:19-31

Adenilton T. de Aguiar¹
Diego Rafael da S. Barros²

Resumo/Abstract

Leste artigo tem como objetivo verificar a plausibilidade da crença na imortalidade inerente da alma a partir da leitura da parábola do homem rico e Lázaro, contida em Lucas 16. Para tanto, o cenário histórico é remontado a partir de uma leitura de textos judaicos e greco-romanos da época e da análise linguístico-cultural, especificamente do termo *hades*, utilizado em Lc 16:23. Com base nos dados bibliográficos que amparam esta pesquisa, conclui-se que autores deste século e do século passado concordam que não pode ser extraída uma base doutrinária para a imortalidade inerente da alma a partir dessa narrativa nem, sequer, um endosso da mesma.

Palavras-Chave: Rico e Lázaro; Parábolas de Jesus; Lucas 16:19-31; Hades; Imortalidade da alma

This paper aims to verify the plausibility of the soul's inherent immortality belief based on the reading of the parable of the rich man and Lazarus, in Luke 16. Thereunto, the historic setting is remounted by a reading of Jewish and Greco-Roman texts from that time and linguistic-cultural

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco; professor de línguas Bíblicas no SALT-IAENE – Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/ Instituto Adventista de Ensino do Nordeste; editor geral da Revista Hermenêutica e do Ce-PLiB – Centro de Pesquisa de Literatura Bíblica. Email: adeniltonaguiar@gmail.com

² Bacharelado em Teologia do SALT-IAENE – Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/ Instituto Adventista de Ensino do Nordeste. Email: diego.rafael.barros@gmail.com.

analysis, mainly focusing the term *hades* in Luke 16:23. Based on the bibliographical data, it is possible to conclude that the authors of this century and of the past century agree that it's impossible to maintain the doctrine of the soul's inherent immortality based on this narrative.

Keywords: Lazarus and the rich man; Jesus' parables; Luke 16:19-31; Hades; Soul immortality



A assim chamada parábola do Rico e Lázaro, registrada em Lucas 16, tem sido largamente utilizada para defender a doutrina da imortalidade inerente da alma. Os comentaristas que utilizam essa parábola, em busca de apoio para sustentar a crença acima mencionada, entendem que esta narrativa revela o além e demonstra o futuro pós-morte de ímpios e justos.

Apesar das discussões que envolvem esse relato³, curiosamente percebe-se que há um esquecimento dessa parábola dentro da erudição, uma vez que ela não tem recebido tanta atenção dos estudiosos quanto outras parábolas de Jesus. Kissinger (*apud* HOCK, 1987, p. 447) em seu livro *Parables of Jesus: a history of interpretation and Bibliography* lista 123 estudos da parábola do Bom Samaritano e 254 estudos da parábola do Filho Pródigo; em contrapartida, a obra lista apenas 68 estudos da parábola do Rico e Lázaro.

A escassez de pesquisa sobre essa narrativa não se justifica principalmente quando se leva em conta o grau de discordância entre comentaristas sobre as questões que giram em torno dela. Seria esta parábola um ensino claro de Jesus sobre a condição da vida após a morte? Se, sim, então há possibilidade de diálogo entre justos no paraíso e ímpios no inferno? Se, não, qual a mensagem da parábola? E qual é o propósito de Jesus ao utilizá-la? Estaria ela corroborando uma cosmovisão dualista da natureza humana? O presente estudo propõe a responder a estas questões através de uma pesquisa na literatura judaica e greco-romana, além, é claro, do escrutínio apurado do próprio texto bíblico em questão.

³ Além das discussões sobre a questão da imortalidade da alma, as pesquisas mais recentes defendem que esta narrativa não passa de uma interpolação apócrifa, uma vez que não é encontrada em alguns dos manuscritos mais antigos. Para detalhes sobre o assunto, ver Cairus (2006).

A mensagem e as parábolas do evangelho de Lucas

O Evangelho de Lucas “põe Jesus em contato [...] com as necessidades das pessoas” (NICHOL, 1995, p. 650) e focaliza temas éticos de seu *kerygma*. Sem dúvida, um dos temas sobressalentes deste Evangelho é o comportamento adequado daquele que participa do reino de Deus. Neste Evangelho, mais do que nos demais, o leitor é colocado diante de situações (reais e imaginárias) que quebram os paradigmas e destroem os tabus da audiência primária do Filho do Homem. Especialmente nas parábolas de Lucas, pode-se contemplar como protagonistas personagens marginalizados no mundo judeu do século I: o bom samaritano (Lc 10:25-37); o filho pródigo (Lc 15:11-32); o cobrador de impostos (Lc 18:9-14); o mordomo infiel (Lc 16:1-13); dentre outros. Estas figuras corroboram a hipótese de Schottroff (2007, p. 208) de que este evangelho apresenta uma análise social radical.

Integrando este grupo de parábolas inusitadas, situa-se uma das narrativas de exemplo⁴ mais famosas: a parábola do homem rico e Lázaro. Nesta narrativa, apresentam-se choques profundos de valores tanto judaicos quanto greco-romanos. Embora a riqueza fosse considerada signo de favor divino em ambas as culturas, esperava-se uma atitude diferente do homem rico, principalmente tendo a lei de Moisés e os escritos proféticos como pano de fundo metanarrativo. Em outras palavras, “o fato de o rico não cuidar de Lázaro não estava de acordo com o AT (16:19-31) e com o ensinamento de Jesus (16:9)” (KARRIS, 2011, p. 283).

Os temas da benevolência para com os pobres e da armadilha das riquezas eram recorrentes tanto na cultura judaica⁵, quanto no mundo greco-romano. No apócrifo livro de Tobias 4:11, está escrito: “[...] a entrega de esmolas livra da morte e vos guarda de serem lançados nas trevas”. Outros escritos judaicos primitivos alegavam que a riqueza é uma das três redes pelas quais Belial captura Israel (SNODGRASS, 2010, p. 549). Sêneca,

⁴ As narrativas de exemplo são inerentes ao Evangelho de Lucas e exclusivas dele (SCHNELLE, 2010, p. 663). Tais histórias visam demonstrar o procedimento padrão do reino de Deus.

⁵ A Torá e os escritos proféticos repetem por diversas vezes o tema do cuidado com os pobres, órfãos, viúvas e estrangeiros como obrigação moral, religiosa e legal. Ver, por exemplo, Ex 22:20-26; 23:6, 11; Lv 19:10; 23:22; Dt 10:18-19; 15:7, 9 e 11; 24:14; Is 3:14, 15; Jr 5:28; Ez 16:49; 22: 29; Am 8: 4, 6.

célebre escritor e advogado do século I, em sua obra *De Brevitae Vitae* 13.7 escreveu: “Ah, como é grande a cegueira que a prosperidade excessiva provoca em nossas mentes!”

O capítulo 16 de Lucas

Pesquisadores contemporâneos colocam a parábola do Rico e Lázaro no mesmo grupo das parábolas do rico insensato (12: 13-21) e do mordomo infiel (16:1-13), sugerindo que o foco dessa parábola diz respeito à utilização adequada dos recursos materiais – tema enfatizado por Lucas (ver SNODGRASS, 2010, p. 547). Uma análise da estrutura de Lucas 16, onde se situa a parábola em análise, pode aprofundar essa compreensão.

O capítulo 16 de Lucas pode ser dividido em quatro partes (v. 1-8a; v. 8b-13; v. 14-18; v. 19-31) (ver KARRIS, 2011, p. 281), e inicia com a inusitada parábola do mordomo infiel. No início da narrativa, não é fácil identificar e compreender o que motiva Jesus a contar esta parábola. Contudo, a partir do verso 13 fica claro que Jesus queria demonstrar que “ninguém pode servir a Deus e às riquezas”. Em seguida, o verso 14 condena os fariseus, os quais, por assim dizer, são os antagonistas da parábola, dada a sua patente avareza em relação aos pobres.

Assim, Jesus reprova os fariseus apontando para a Lei e os Profetas, o que parece indicar que o tema de seu discurso possuía raízes veterotestamentárias. Na cena seguinte, que mais se parece com uma súbita mudança de assunto, Jesus trata da questão do divórcio. Contudo, não há uma descontinuidade de temas; ao contrário, Lucas está associando a avareza aos pecados sexuais (KARRIS, 2011). Tal comparação é comum tanto no discurso bíblico (Ef 5:3-5) quanto na literatura judaica. O apócrifo *Testamento de Judá*, em 18.2, afirma “que a promiscuidade sexual e o amor ao dinheiro – dentre outras coisas – nos distanciam da lei de Deus, cegam a nossa alma e impedem a pessoa de demonstrar misericórdia para com o próximo” (SNODGRASS, 2010, p. 592).

Portanto, se não há, de fato, uma descontinuidade de temas no capítulo 16 de Lucas, deve-se ver a parábola do Rico e Lázaro como uma continuação do conflito de Jesus com os fariseus acerca das riquezas (RICHARDS, 2007, p. 176). Diante disto, parece razoável afirmar que esta parábola discute questões sociais, e não escatológicas. Todavia, a fim de tornar claro esse ponto, faz-se necessário um estudo mais aprofundado de alguns aspectos culturais e linguísticos do texto.

Notas exegéticas em Lucas 16:19-31

Uma premissa básica para a interpretação dessa narrativa, é que devemos compreendê-la como uma parábola, e não como um relato literal. Por mais que pareça redundante esta explicação, não se pode negar a existência de um grupo que defende a literalidade desta narrativa. Esse grupo defende que uma leitura literal do texto indicaria a possibilidade de conceber o relato como um indicador do estado do homem na morte. De forma geral, porém, há um consenso de que esta narrativa deve ser compreendida como parábola⁶. Por isso, Snodgrass (2010, p. 604) conclui:

Quando prestamos atenção àquilo que a parábola ensina acerca da vida após a morte, nas abordagens mais acadêmicas percebemos uma precaução quanto à ideia de que esta parábola tenha mesmo a intenção de descrever a vida pós-morte.

Plummer (1896) é mais categórico, ao afirmar que, nessa história, até mesmo as condições corporais, tais como dedo e língua, bem como as condições sensoriais, tais como sede e calor, não ultrapassam o campo da fábula, e, por isso, não devem ser vistas como aspectos literais.

Não obstante, alguns comentaristas levantaram a hipótese de que o fato de esta ser a única parábola contada por Jesus que contém um personagem que é explicitamente nomeado, por exemplo, Lázaro, é um indício de literalidade. Um exame mais cuidadoso desse ponto, no entanto, pode levar as conclusões para outra direção. Em hebraico, o nome לָאָזָר (Lázaro) é uma contração de אֵלְעָזָר (Eleazar), e significa “Deus ajuda” (BOCK, 1996, p. 1365). O nome é significativo, e seu emprego indica que o mendigo é alguém que depende de Deus. Porém, este fato não deve ser usado como argumento para defender a literalidade da parábola. A propósito, o uso do nome Lázaro (Deus ajuda) assume um tom irônico na narrativa, tendo em vista que aponta para o fato de que a única esperança de ajuda para o homem pobre está fundamentada em Deus, embora, conforme ficou claro no discurso de Jesus, Ele esperasse que os ricos fossem “uma ajuda” aos pobres.

De fato, a parábola do Rico e Lázaro irrompe como uma continuação da disputa de Jesus com os fariseus sobre as riquezas. Sua afirmação anterior

⁶ Esta leitura parabólica fica mais evidente no Códice Beza, “E lhes contou uma parábola” (SNODGRASS, 2010, p 1040).

de que “o que é elevado diante dos homens é abominação diante de Deus” (v. 15) prepara a audiência para uma inusitada demonstração de quebra de paradigmas da mentalidade judaica.

Para a audiência de Jesus, o homem rico era alguém abençoado por Deus, uma vez que prosperidade significava, naquela cultura, favor divino. Já o mendigo, que jazia à porta do homem abastado, era visto como um modelo de alguém que certamente havia sido abandonado pelo Senhor de Israel. Entretanto, ainda que o homem rico gozasse do favor de Deus, a ética do AT exigia dele uma postura de cuidado com os pobres⁷.

Durante muito tempo, alegou-se que não havia indícios de falta moral por parte desse homem rico que o condenasse ao tormento descrito posteriormente na parábola. Entretanto, sua figura é construída a partir da imagem de um homem cheio de luxo e esbanjador. Suas vestes demonstram o elevado grau de sua riqueza. Barclay (2000, p. 213), observa que púrpura e linho finíssimo eram o material utilizado na confecção dos trajes sacerdotais, os quais chegavam a custar uma soma equivalente ao salário de vários anos de trabalho de um operário comum. Ademais, é dito que o rico “vivia todos os dias regalada e esplendidamente” (AEC). A palavra grega *euphrainō*, traduzida neste contexto como “regalar”, é utilizada na literatura clássica geralmente como a alegria que é fruto da participação de eventos tais quais um banquete (BEYREUTHER, 2000, p. 52). Em Lucas 16:19, a palavra certamente “refere-se ao comer, beber e divertir-se”, ou, em outras palavras, a “folguedos entre amigos festeiros” (BEYREUTHER, 2000, p. 53).

Outro detalhe que pode passar despercebido ao leitor comum diz respeito ao desejo de Lázaro de faltar-se das migalhas que caíam da mesa daquele homem rico. Ainda que o termo *migalhas* não seja encontrado em muitos manuscritos⁸, há um acordo geral de que o alimento desejado por Lázaro não se tratava de um simples farelo ou porções que caíam acidentalmente da mesa do rico. Jeremias (1986, p. 195) e Snodgrass (2010, p. 597) atestam que a comida que caía da mesa do rico tratava-se de pedaços de pão que eram utilizados tanto para a limpeza dos pratos, quanto para enxugar as mãos e que, em seguida, eram atirados para debaixo da mesa. Langner (2004, p. 116), por sua vez, comenta que tais pedaços referem-se a sobras de comida, que os convidados de banquetes não comiam, e, por isso, levavam

⁷ De acordo com a ética do Antigo Testamento, o cuidado com os pobres fazia parte das obrigações de um judeu piedoso; ver, por exemplo, Dt 15:7.

⁸ A leitura sugerida pode ser traduzida da seguinte forma: “desejava alimentar-se com o que caía da mesa do rico”. Ver aparato crítico do *Novo Testamento grego* (ALLAND *et al.* 2009, p. 236)

consigo ou davam aos cães. De qualquer forma, esta postura de desperdício em face da obrigação legal de auxílio ao necessitado torna o rico da parábola culpado de indiferença para com o mendigo.

Após a morte de ambos, a narrativa segue com uma inversão irônica de papéis, a qual deve ter causado surpresa em alguns da audiência de Jesus: “Como poderia um homem que goza do favor de Deus na terra ser amaldiçoado na vida por vir?”. Ainda que parte da audiência de Jesus se surpreendesse com a possibilidade de um homem rico ser amaldiçoado na vida vindoura, isto não deve ter afetado a todos. Escritos judaicos do tempo de Jesus demonstram que a sabedoria popular já advertia ricos de uma possível condenação eterna.

Sobre este assunto, dois textos são especialmente valiosos para entendermos a mentalidade daquela época. Exod. Rab. 31.5 trata da inversão que ocorrerá entre ricos e pobres no mundo por vir. Neste mundo, os ímpios podem ser ricos e prósperos, enquanto justos são acometidos pela pobreza. No mundo vindouro, no entanto, Deus abrirá os tesouros do paraíso para os justos, e, quanto aos ricos que exploraram homens justos, estes comerão da sua própria carne. Por sua vez, 1^o Enoque 103.5-104.6 menciona que os ricos pecadores que não foram punidos em vida, experimentarão o mal, a tribulação, as trevas e as chamas ardentes no *Sheol*.

137

Vale destacar que a parábola possui um paralelo na literatura judaica que pode ser encontrada no Talmude de Jerusalém, pelo menos, nos tratados Sanhedrin 6.6 (23c) e Hagigah 2.2 (77d), e é resumidamente descrita por Richards (2007, p. 175) da seguinte forma:

Dois companheiros ímpios morreram. Um morreu penitente, o outro não. Quando o homem no Gehinom viu a bênção de seu amigo, e foi informado de que era por causa da penitência de seu amigo, ele suplicou que pudesse ter a oportunidade de se arrepender também. A resposta veio na explicação de que esta vida é a véspera do sábado.

Jeremias (1986, p. 184) defende que as raízes desta história remontam à fábula egípcia da viagem de Si-Osiris e de seu pai ao reino dos mortos. Para ele, judeus alexandrinos levaram o conto para a Palestina, onde ela foi reformulada como a história do pobre escriba e do rico publicano Bar Ma'yan⁹.

⁹ Para Jeremias (1986, p. 184), Jesus utiliza-se deste conto judaico não somente nesta pará-

Ainda que diferente dessa narrativa paralela, a parábola de Jesus, valendo-se do folclore judaico, forma um pano de fundo cultural para seu ensinamento principal na perícopre: o perigo do amor às riquezas.

Outro aspecto importante é o pedido do rico para que Lázaro voltasse dos mortos e advertisse seus irmãos com respeito ao destino deles (v. 27-30). Este pedido encontra paralelos no apócrifo judeu de Janes e Jambres 24afp, que “relata que a ‘sombra’ de Janes (sua existência pós-morte) retornou do Hades para alertar Jambres sobre o fogo e sobre as trevas a fim de que ele passasse a fazer o bem” (SNODGRASS, 2010, p 592).

Todavia, em conexão com a resposta dada aos fariseus nos v. 16-17, onde Jesus faz sua primeira referência à Lei e aos Profetas, Abraão evoca novamente a Escritura como revelação suficiente para chamar os homens à crença e ao comprometimento (v. 29). Assim, percebe-se novamente a conexão de temas no capítulo 16.

O termo Hades em Lucas 16:23

138

Embora tenha o significado básico de sepulcro (BIENTENHARD, 2000, p. 1022), o termo grego *hades* possui um significado diferente em Lc 16:23. Tal significado é inerente à cultura da época. Richards (2007, p. 1755) afirma que

Nos tempos do NT ‘Hades’ (heb. *sheol*) era um termo geral para o lugar/estado dos mortos enquanto aguardavam o juízo final. A opinião popular defendia que os justos descansavam no Gan Eden, enquanto os ímpios poderiam ser vistos no Gehinom.

Esse conceito pode ser visto especialmente no *Discurso aos gregos sobre o Hades*, atribuído por um tempo a Josefo¹⁰ (1974, p. 637, tradução livre):

Hades é uma região subterrânea onde a luz do mundo não brilha [...] esta região é destinada a ser um lugar de custódia para as almas,

bola, mas também na parábola do banquete. Isto demonstraria que Jesus tomava o imaginário popular e o inseria em suas parábolas com um objetivo específico.

¹⁰ Os autores não conhecem na atualidade alguém que atribua a autoria do *Discurso aos gregos sobre o Hades* a Josefo. A maioria dos eruditos defende a ideia de que essa seja uma inserção cristã no texto; todavia, o texto é um exemplar autêntico da mentalidade judaica e, ainda que seu autor seja desconhecido, pode-se perceber que o texto está impregnado do pensamento judeu sobre o estado intermediário do homem no pós-vida.

em que anjos são designados como seus guardiões, os quais lhes atribuem punições temporárias, de acordo com o comportamento e maneiras de cada um.

Na continuação do texto, o Hades é descrito como sendo dividido em duas partes: o seio de Abraão, para onde vão os justos, e as trevas perpétuas, para onde os anjos arrastam os ímpios. Para os autores, essas trevas não são o inferno em si, mas a vizinhança do inferno, de modo que os ímpios podem sentir o calor do castigo que lhes está reservado depois do juízo.

É importante perceber que o *Discurso aos gregos sobre o Hades* não é um exemplar sem precedentes. O pseudoepígrafo de 1 Enoque (escrito cerca de 200 a.C.), em 22:1-14, relata que Enoque foi levado a um lugar com quatro cantos onde as almas aguardavam o Juízo. Lá os justos eram separados dos pecadores por uma fonte de água e luz. Richards (2007, p. 175-176) acrescenta que

Não só se pensava que o Hades era dividido em dois compartimentos, mas a crença popular ressaltava que era possível manter conversas entre as pessoas no Gan Eden e no Gehinom. Escritos judaicos também descrevem o primeiro como uma terra verdejante com águas doces brotando de várias fontes, enquanto que o Gehinom não só é uma terra seca, mas as águas do rio que o separam do Gan Eden retrocedem sempre que o ímpio desesperadamente sedento se ajoelha e tenta beber.

139

Ademais, à luz de textos da tradição judaica (como, por exemplo, 4 Esdras 7.75-99; 8.59; 4 Macabeus 13.17) percebe-se que os judeus dos tempos de Jesus imaginavam que parte do tormento dos ímpios consistia no fato de eles poderem observar o galardão dos fiéis. Em contrapartida, parte do descanso dos justos é que estes podem observar a perplexidade dos ímpios em face de seu tormento. Assim, percebemos que esta parábola reflete de diversas maneiras as opiniões judaicas contemporâneas da vida após a morte.

Contudo, é óbvio que a audiência primária do evangelho de Lucas não era composta por judeus. Há um considerável grau de acordo entre os eruditos de que o público principal do evangelho de Lucas era composto de cristãos gentílicos (ver CARSON, 1997, p. 131; PLUMMER, 1986, p. xxxiv). Portanto, é inapropriado limitar a parábola ao *background* judaico. Gilmour (1999, p. 33) observou similaridades desta narrativa com textos greco-romanos, especialmente com a *Odisseia* de Homero. Este não é um fato de difícil

aceitação, uma vez que em Jerusalém, bem como no mundo greco-romano, a educação infantil também era permeada pelo conhecimento da literatura grega (ver GILMOUR, 1999, p. 25).

O imaginário gentílico sobre o estado do homem após a morte não era muito diferente do pensamento judaico do século I – talvez porque o judaísmo dos dias de Jesus havia passado por um processo de helenização, mesmo em face da resistência dos ortodoxos. Podemos perceber essa semelhança de pensamentos, por exemplo, no famoso clássico de Platão, *A República*:

A República 10.614B-616A fala de um soldado chamado de Er, que foi morto, mas depois de doze dias tornou a viver, dizendo que havia sido enviado de volta a esta vida para falar às pessoas sobre o mundo do além. Ele teria visto duas aberturas na terra e duas no céu, entre as quais havia um corpo de juízes sentados que enviavam os justos diretamente para a direita e para cima ao céu e os injustos para esquerda e para baixo para serem castigados embaixo da terra. (Entretanto estes juízos não eram permanentes) (SNODGRASS, 2010, p 593).

140

Portanto, tendo em vista o significado de *hades* em Lucas 16:23, propõe-se que, se a parábola ensina algo sobre o estado do homem na morte, tal estado é extremamente diferente do proposto pelos defensores da imortalidade inerente da alma. Se esta parábola apoia essa teoria, deve-se ressaltar que o local para onde vão os homens depois de sua morte é o ambiente descrito na parábola: um lugar onde justos e injustos são separados apenas por um rio.

Assim, é razoável supor que o pano de fundo por trás da parábola, o qual nos oferece a base de como devemos interpretá-la, é que Jesus toma emprestada a mentalidade folclórica do judaísmo rabínico de sua época a fim de impressionar sua audiência quanto ao amor à riqueza, e não quanto ao estado do homem na morte. Uma questão que se levanta, porém, diz respeito a por que Jesus faria uso do folclore judeu para transmitir seus ensinamentos. Agindo assim, ele não estaria endossando o ponto de vista cultural? Bacchiocchi (2007, p. 168) afirma que não, defendendo que

Nesta parábola, Jesus fez uso de uma crença popular, não para endossá-la, mas para impressionar as mentes de seus ouvintes com uma importante lição espiritual. Deve-se notar que, na parábola do mordomo infiel (Lc 16:1-12), Jesus emprega uma história que não representa com precisão a verdade bíblica.

John Cooper (*apud* BACCHIOCCHI, 2007, p. 168), reconhece que a parábola do rico e Lázaro não demonstra o pensamento lucano, nem muito menos o de Cristo a respeito da vida por vir. Antes, Jesus apenas emprega o imaginário popular para ressaltar a ética do reino vindouro. Assim, ciente de que este imaginário não passava de fábulas judaicas, ele não poderia endossar este conceito. Portanto, como esclarece Snodgrass (2010, p. 607), tal parábola “não tem o objetivo de apresentar um esquema, ou mesmo detalhes precisos acerca do que ocorre depois da morte”.

O fato de a parábola do Rico e Lázaro estar situada ao lado de outra parábola controversa, por exemplo, a do mordomo infiel, também nos mostra que Jesus usava conceitos do cotidiano (ainda que errôneos) para atrair a atenção do povo para seus novos ensinamentos. Por isso, para Cooper (*apud* BACCHIOCCHI, 2007, p. 168), a melhor resposta para a pergunta “O que esta passagem nos diz a respeito do estado intermediário? é: ‘Nada’”!

Pode-se, então, concluir que, apesar de os rabinos dividirem o estado pós-morte (Sheol) em um lugar para os justos e os maus¹¹, é improvável que o quadro apresentado por Jesus na parábola corresponda bem a esta ideia (ORR, 1999). Jesus lida nesta estória não com os temas do paraíso e do *hades*, mas com temas éticos fundamentais de seu ensino. Assim, “a mensagem de Jesus chama o povo a ouvir a exortação de Deus para mostrar compaixão com o pobre” (BOCK, 1997, p. 71). Na atualidade, pode parecer estranho que Jesus tenha utilizado uma narrativa puramente folclórica em seu discurso para apresentar verdades que nada tem a ver com o pano de fundo lendário da parábola. Apesar de a parábola estar no plano da crença popular, seu emprego justifica-se pelo fato de que tal imaginário seria familiar e inteligível para a audiência (HASTINGS, 2004, p. 9). Precedentes vindos das parábolas anteriores demonstram como era do costume de Jesus falar a linguagem de Seus ouvintes para atingir sua compreensão e seus corações.

141

Considerações finais

Este artigo buscou demonstrar que a interpretação da parábola do Rico e Lázaro deve levar em consideração o emprego que Jesus fez do imaginário

¹¹ Deve-se salientar que, segundo Mathews (1909, p. 6), não há sequer clara evidência de que os judeus nos dias de Jesus cressem num estado intermediário. Ele defende que é inseguro ver na expressão seio de Abraão uma referência segura para tal crença. Tomando este fato em consideração, há ainda mais indícios de que não era objetivo de Jesus endossar a crença neste estágio pós-morte. Apesar disso, não se pode anular a hipótese de houvesse indivíduos que a sustentassem.

judaico, atribuindo-lhe, porém, significados que transcenderam aos significados que lhe eram atribuídos na época. Assim, Jesus usa uma história familiar, repleta da cosmovisão pagã acerca da vida após a morte, porém desmitificando seu conteúdo. Desse modo, ainda que isto não esteja em primeiro plano, a parábola veicula uma crítica sutil à ideia equivocada da vida após a morte (GILMOUR, 1999). De fato, o grande tema da parábola diz respeito ao uso responsável das bênçãos materiais.

Ademais, no empreendimento de interpretação dessa parábola deve-se levar em consideração o princípio hermenêutico *theologia parabolica non est demonstrativa*. Conforme frisou Smith (1869, p. 1038), é impossível embasar a prova de uma importante doutrina teológica em uma passagem que abunda em metáforas judaicas. Além disso, visto que o diálogo ocupa grande parte do espaço da parábola, compreende-se que o conteúdo de tal diálogo é mais importante do que o cenário no qual ele se desenrola. Aqui, Jesus direciona, sim, o seu foco para o mundo por vir; todavia, não o apresenta em termos claros através desta parábola. Assim, parece que o objetivo principal da parábola é ensinar que toda preparação para o pós-morte deve ser feita em vida.

Enfim, é razoável supor que Jesus tenha utilizado o imaginário judaico para prender a atenção de seu público, porém o ensino da parábola não repousa na imortalidade inerente da alma, senão no amor ao dinheiro. Destarte, esta é uma história fictícia da vida após a morte, que reflete e comenta a vida anterior à morte (SCHOTTROFF, 2007, p. 205). Portanto, para usar as palavras de Smith (1869, p. 1038), “se quisermos transformar retórica em lógica, [...] e construir um dogma em cada metáfora, nossa crença será de caráter vago e contraditório”. 

142

Referências

ALLAND, K. *et al.* **O Novo Testamento Grego**: com introdução em português e dicionário grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BACCHIOCCHI, S. **Imortalidade ou ressurreição?** Uma abordagem bíblica sobre a natureza humana e o destino eterno. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2007.

BARCLAY, W. **The gospel of Luke**. Philadelphia: The Westminster Press, 2000.

BEYREUTHER, E. εὐφραίνω In: COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1.

- BOCK, D. L. **Luke**. Grand Rapids: Baker Books, 1996. v. 2.
- BOCK, D. L. The parable of the rich man and Lazarus and the ethics of Jesus. **Southwestern Journal of Theology**, v. 40, n. 1, p. 63-72, 1997.
- CAIRUS, A. E. The rich man and Lazarus: an apocryphal interpolation? **Journal of Asia Adventist Seminary**, v. 9, n.1, p. 35-45, 2006.
- CARSON, D. A. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- GILMOUR, M. J. Hints of homer in Luke 16:19-31? **Didaskalia**, v. 10, n. 2, p. 23-33, 1999.
- HASTINGS, J. (Ed.). **A dictionary of Christ and gospels**. Honolulu, Hawai: University Press of the Pacific, 2004. v. 1.
- HOCK, R. F. Lazarus and Micylus: greco-roman backgrounds to Luke 16:19-31. **Journal of Biblical Literature**, v. 106, n. 3, p. 447-463.
- JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1986.
- JOSEPHUS. Discourse to the greeks concerning Hades. In: **JOSEPHUS Complete Works**. Whiston: Grand Rapids, 1974
- KARRIS, R. J. In: BROWN, R. E. *et al.* (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011.
- LANGNER, C. Lc 16,19-31: El rico y Lázaro el pobre. **Revista Bíblica Mexicana**, v. n. 36, p. 105-122, 2004.
- MATHEWS, S. Bossom of Abraham. In: HASTINGS, J. **A dictionary of the Bible, dealing with the language, literature and contents, including the Biblical theology**. New York: Scribner, 1909.
- NICHOL, F. D. *et al.* **Comentario bíblico adventista del séptimo día**. Buenos Aires: Asociacion Casa Editora Sudamericana 1995. v. 2.
- ORR, J. **The international standard Bible encyclopedia**: 1915 Edition. Albany: Ages Software, 1999.
- PLUMMER, A. **A critical and exegetical commentary on the gospel according to S. Luke**. London: T&T Clark International, 1896.

RICHARDS, L. O. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.

SCHNELLE, U. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã/São Paulo: Paulus, 2010.

SCHOTTROFF, L. **As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SMITH, W. Bosom of Abraham. In: **DR'S WILLIAM Smith's dictionary of the Bible: compreing its antiquities, biographies and natural history**. New York: Riverside Press, 1869. v. 2.

SNODGRASS, K. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus: guia completo**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

SCHOTTROFF, L. **As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

Enviado dia 03/05/2013

Aceito dia 20/06/2013

